

**Cunha, L.F.; Leal, A. & Silva, F. 2018. *Leituras estativas e eventivas com verbos de movimento: alguns fatores de alternância.***

**In. Oliveira, Fátima; Leal, António; Silva, Fátima & Silvano, Purificação (Eds.). *Para Óscar Lopes: Estudos de Linguística.***

**Porto: Afrontamento. 15 pp.**

Júlio Barbosa<sup>1</sup>

[up201502642@letras.up.pt](mailto:up201502642@letras.up.pt)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O artigo em apreço apresenta já características de continuidade, e em língua portuguesa, relativamente a outro que, no mesmo ano de 2018 e em língua inglesa, os mesmos autores haviam publicado sob o título *Stative and eventive alternations with some spacial verbs*<sup>2</sup>. Insere-se na área dos estudos de linguística, mais especificamente no campo da semântica frásica e, no interior deste, no âmbito do aspeto, ocupando-se do estudo do perfil aspetual das predicções com verbos de movimento.

Os autores, logo na introdução do seu artigo, começam por explicar o motivo pelo qual tais verbos têm sido objeto de vários trabalhos, e fundamentam esse interesse no facto de poderem os mesmos incubar a abordagem de numerosas questões linguísticas. De entre estas, apontam a surpreendente constatação de que, muito embora denominados “verbos de movimento” (Levin, 1993), com o inerente sentido dinâmico que o conhecimento lexical permite extrair da palavra “movimento”, muitos deles, à partida contra todas as expectativas, podem ocorrer em predicções estativas (caraterizadas, precisamente, pelo seu perfil não dinâmico). Propõem-se, então, por um lado, demonstrar essa alternância entre estado e evento que se produz com estes verbos e, por outro, diagnosticar os elementos semânticos que a determinam.

---

<sup>1</sup> Estudante do 1.º ano de Mestrado em Linguística.

<sup>2</sup> Leal, Cunha & Silva (2018).

A demonstração da alternância é, no ponto segundo do trabalho, levada a efeito mediante a submissão de várias predicções a numerosos testes apontados por Cunha (2004/2007) como diferenciadores entre estados lexicais e eventos, entre estados faseáveis e não faseáveis e entre estados de indivíduo e de estádio. A conclusão preliminar a que chegam é a de que, quando estativas, as situações predicadas com verbos de movimento apresentam características muito semelhantes àquelas que são apanágio dos estados lexicais de indivíduo não faseáveis.

É, então, no terceiro ponto do artigo que os autores se preocupam com a prometida busca das condições que geram a alternância a que se reportam. Propõem-se discutir, em três subpontos, outros tantos fatores que se lhes afiguram poderem ser determinantes para o efeito: os tempos gramaticais, o caráter “móvel/não móvel” do argumento Figura e a relação entre a extensão espacial desta última e o percurso com o qual a mesma se encontra associada. Após, e porquanto referem haver verbos de movimento que não apresentam semelhante alternância, afirmam também tratar de saber se aqueles outros que a apresentam são, à partida, estados ou eventos ou se, ao invés, se assumem como não determinados, numa ótica aspetual.

Na abordagem ao primeiro daqueles três fatores, os autores começam por referir, e demonstrar, que alguns tempos gramaticais, como o presente do indicativo, o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito, apesar de favorecerem claramente a leitura aspetual das predicções em que ocorrem (estativa, no caso dos dois primeiros tempos, e eventiva, no caso do último), não são, *per si*, determinantes para a alternância verificada. E assim o postulam porquanto provam ser possível encontrar-se, com alguma facilidade, contextos nos quais aqueles dois primeiros referidos tempos verbais, apesar de serem conectados com interpretações de estado, se afiguram passíveis de predicar situações que, na base, são eventivas, como se verifica nos exemplos a seguir reproduzidos em (1) e (2):

- (1) O comboio Alfa vai do Porto até Lisboa;
- (2) Os dinossauros atravessavam a Península Ibérica.

De igual modo, o pretérito perfeito (tempo que não promove alterações aspetuais), pode surgir em eventualidades estativas se recorrermos a adverbiais temporais que remetem para períodos longos, como se vê no exemplo que fornecem, e que vai reproduzido em (3):

- (3) As estradas romanas cruzaram a Península Ibérica durante séculos.

Em seguida, analisam o carácter “móvel/não móvel” do argumento Figura. Começam por colocar a hipótese de que uma interpretação eventiva de um verbo de movimento ocorrerá sempre que a entidade que é interpretada como sendo a Figura vê a sua localização espacial alterada, sendo que, quando tal não ocorre, obter-se-á uma leitura estativa. Esta hipótese remeteria para a interpretação, que à partida pode parecer muito lógica, como evento de toda a situação predicada por um verbo de movimento selecionador de um argumento Figura “móvel” e, ao invés, para a leitura estativa de qualquer eventualidade em que tal papel temático fosse “não móvel”.

A questão seria demasiadamente simples se terminasse por aqui. Todavia, é relativamente frequente encontrarmos, com os verbos que nos ocupam, entidades “móveis” presentes em orações com predicções estativas, assim como entidades “não móveis” capazes de servir os mesmos verbos e ser configurada uma situação eventiva, nomeadamente, quando o que está em causa é a criação ou a alteração da configuração espacial dessa mesma dita Figura “não móvel”, como se constata pela leitura dos seguintes exemplos que referem, e que seguem em (4) e (5):

- (4) O carro vai de uma ponta à outra da rampa. (entidade móvel; leitura estativa);
- (5) A cidade estendeu-se até ao rio em dois anos. (entidade não móvel: leitura eventiva).

Isto posto, não é, também, a propriedade lexical “móvel/não móvel” do argumento Figura capaz de se mostrar como o fator que gera, por si só, a alternância entre ambos os tipos de interpretações aspetuais com verbos de movimento.

Por fim, os autores ocupam-se da relação entre a extensão espacial da Figura e o percurso ao qual a mesma se encontra associada. Chamam à colação a posição de diversos autores, que assumem uma interpretação estativa para as frases predicadas com verbos de movimento, nas quais o argumento Figura ocupa, em extensão, a totalidade do percurso que lhe está lexicalmente anexo (ainda que esteja apenas projetado numa sua parte mínima) e, ao invés, uma leitura eventiva para aquelas outras predicadas com os mesmos verbos, nas quais o dito constituinte não ocupa essa mesma totalidade da extensão do percurso.

Ora, imbuindo-se destas considerações, os autores fazem uma espécie de retrospectiva que os leva à propriedade que, afinal, a literatura unanimemente considera distinguir estado de

evento: a dinamicidade. Então, teremos um estado quando a situação é não dinâmica e teremos um evento quando ela o é. Por isso, o fator determinante da alternância entre estado e evento, nestes verbos de movimento, não pode deixar de residir no traço, positivo ou negativo, da dinamicidade. Aceitando esta premissa, partem para a colocação de hipóteses:

- de não especificidade, por parte dos verbos de movimento que suportam a alternância entre estados e eventos, no tocante ao traço de dinamicidade;

- de recebimento, por parte dos verbos, de um traço [+ dinâmico] sempre que se verificam alterações na relação entre a Figura e o eixo espacial ao qual a mesma está associada, sejam elas incrementais ou consistam numa mudança de local, por parte da mesma;

- de recebimento, por parte dos verbos, de um traço [- dinâmico] em todas as situações nas quais se não verifica qualquer espécie de alterações, seja na localização, seja na configuração espacial, do argumento Figura, o qual corresponde integralmente ao percurso que lhe está associado;

- de parecer existir a transferência de propriedades temporais da predicação para a relação que se verifica entre a Figura e o eixo espacial que se lhe encontra associado.

Assim, entendem os autores que nenhum dos fatores analisados (tempos gramaticais, propriedades lexicais da Figura e o papel do eixo espacial), isoladamente, se mostra capaz de decidir a leitura a atribuir-se a qualquer predicação com verbos de movimento. Antes apontam de forma clara (e é aqui que parece terem eles contribuído de forma mais significativa para o assunto estudado) para o conteúdo da relação existente entre o argumento Figura e o eixo espacial que na predicação lhe concerne: sendo a relação fixa e imutável (traço [- dinâmico] associado ao verbo de movimento), estaremos em face de uma leitura estativa, prevendo-se uma coextensionalidade entre Figura e eixo espacial; sendo essa relação dinâmica e mutável (traço [+ dinâmico] carregado para o mesmo tipo de verbo), configurando uma alteração espacial da Figura ou uma mudança de local por parte da mesma, teremos, outrossim, uma interpretação eventiva, não coincidindo a extensão entre Figura e eixo espacial ao qual a mesma se encontra, de algum modo, adstrita. Nesta esteira, consideram os autores que é a não determinação de traço de dinamicidade dos verbos de movimento que se revela responsável pela alternância em apreço, sendo os traços do sinal, negativo ou positivo, recebidos da

composição e do confronto que deve sempre ocorrer entre vários fatores, entre os quais os no artigo analisados.

Em conclusão, dir-se-ia que os autores estão um pouco em consonância com Morimoto (2013; 2018), na parte em que referem haver verbos, como os de movimento, que se apresentam lexicalmente neutros no tocante ao critério de estatividade (ou de dinamicidade), apontando muito embora, e de forma um pouco mais vaga, para a informação contextual que tais verbos apresentam, relativamente aos papéis temáticos dos seus argumentos, como fator decisivo para a determinação do seu valor aspetual, tanto no emprego estativo quanto no eventivo, mesmo que se vislumbre, como característica semântica comum a todos eles, na sua vertente estativa, uma relação de localização espacial.

O artigo analisado, na medida em que se focaliza nas questões estritamente aspetuais da alternância entre interpretações de estado e de evento, como já ocorreu em Leal, Cunha & Silva (2018), aliás, aborda e discute com rigor alguns dos fatores que contribuem para tal alternância. Mas haverá, porventura, outros fatores a equacionar em trabalhos futuros como, por exemplo, e mediante a análise de dados recolhidos de um *corpus* com frases a extrair de narrativas de viagem e/ou de jornais *online*, a influência de adverbiais temporais e de adverbiais de localização espacial dos papéis temáticos Fonte/Alvo no percurso a que o argumento tido como Figura se associa, em concatenação com os fatores neste texto discutidos.

## REFERÊNCIAS

- Cunha, L. F.; Leal, A.; Silva, F. 2018. Leituras estativas e eventivas com verbos de movimento: alguns fatores de alternância. In Oliveira, Fátima; Leal, António; Silva, Fátima & Silvano, Purificação (Eds.). *Para Óscar Lopes: Estudos de Linguística*. Porto: Afrontamento, pp. 241-259.
- Leal, A.; Cunha, L.F. & Silva, F. 2018. Stative and eventive alternations with some spacial verbs. In Leal, A. (Ed.). *Verbs, movement and prepositions*. Porto: CLUP/FLUP, pp. 123-150.

- Levin, B. 1993. *English Verb Classes and Alternations: a Preliminary Investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 263-270.
- Morimoto, Y. 2013. Cuando los estados se convierten en eventos y vice-versa: ¿recategorización o ambigüedad aspectual? In A. Cabedo Nebot; M.J. Aguilar Ruiz; E. Lopez-Navarro Vidal (Eds.). *Estudios de lingüística: investigaciones, propuestas y aplicaciones*. Valência: Universidade de Valência, pp. 369-377.
- Morimoto, Y. 2018. Stative/eventive alternations in Spanish. Leal, A. (Ed.). *Verbs, movement and prepositions*. Porto: CLUP/FLUP, pp. 45-74.